

Discurso inaugural¹

SR. MINISTRO DA INSTRUÇÃO PUBLICA:
 SR. REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA;
 SR. PRESIDENTE DO INSTITUTO INTERNACIONAL
 DE ANTROPOLOGIA:
 MEUS CONFRADES:
 MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES:

Eleito para este lugar por grande condescendencia dos meus colegas, e não porque houvesse outra razão para isso, começo por dirigir a todos em geral respeitosas saudações, e manifestar em particular aos congressistas estrangeiros aqui presentes a satisfação que nós os Portugueses sentimos ao vermos reunidos na nossa terra tantos luminares da Sciencia, que, vindo trazer-nos doutrina, concorrem para o estreitamento, cada vez mais desejavel, de relações internacionais nas labutas do espirito.

É esta a decima quinta reunião do Congresso Internacional de Antropologia e Archeologia pre-historicas depois que a primeira se realizou em Spezia em 1865, e agora a segunda vez que a Portugal cabe a honra de outra, pois que já em 1880 a teve analoga, muito concorrida de especialistas nacionais e estrangeiros.

Dos Congressistas estrangeiros de 1880 ficaram especialmente queridos dos Portugueses os nomes de Oswald Heer, que leu ao Congresso um *Aperçu sur la flore tertiaire du Portugal*; de Cartailhac, que, alem de um relatorio do Congresso publicado no mesmo ano, deu a lume em 1886 um livro magistral, intitulado *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*; de Virchow e Magitot, que respectivamente em 1880 e 1881 publicaram tambem relatorios do Congresso; de Quatrefages, que prefaciou o mencionado livro de Cartailhac, com um estudo antropologico, em que se refere aos kjoekkenmoeddinger de Muge.

Os especialistas portugueses que apresentaram trabalhos ao Congresso de 1880 foram, concomitantemente com Andrade Corvo,

¹ Pronunciado em Coimbra, em 21 de Setembro de 1930, na 1.^a sessão (conjunta) dos Congressos de Antropologia e Archeologia pre-historica, e do Instituto Internacional de Antropologia.

Presidente da Comissão Executiva, que pronunciou o discurso inaugural, os seguintes:

Adolfo Coelho, Alfredo Bensaude, Carlos Ribeiro, Conde de Ficalho, Consiglieri Pedroso, Joaquim Delgado, José Caldas, Martins Sarmiento, Oliveira Feijão, Paula e Oliveira, Possidonio da Silva, Vasconcellos Abreu, Vasconcellos Pereira Cabral.

E nesses trabalhos se ventilaram assuntos de Arqueologia, Antropologia, Geologia e Mineralogia relacionados com a Arqueologia pre-historica, Etnologia e Teratologia. Sem dúvida se reputarão mais notaveis os de Carlos Ribeiro, Secretario Geral e alma do Congresso, Joaquim Delgado, e Paula e Oliveira.

Neste longo decurso de meio seculo faleceram a maior parte dos Congressistas, quer nacionais, quer estrangeiros, que tomaram parte directa no Congresso de Lisboa. Deponhamos uma saudade sôbre a sua honrada memoria!

Dos nacionais apenas sobrevivem os Srs. Bensaude e José Caldas, os quais porém só acidentalmente se occuparam de Arqueologia por occasião do Congresso, dedicando-se o primeiro ás Sciencias Naturais, e o segundo á Historia e á Literatura. Dos Congressistas estrangeiros julgo que poucos nomes poderia proferir, além dos S.^{rs} Casalis de Fondouce, e Baron de Baye, hoje Marquês.

O Congresso de 1880 teve dilatada repercussão no nosso ambiente intelectual. Tanto a Arqueologia pre-historica e proto-historica como a Antropologia devem a ele grandes progressos. Do que toca á Antropologia, considerada nos seus tres centros de expansão, Lisboa, Coimbra e Porto, publiquei uma sùmula ultimamente no n.^o 4 do *Boletim de Etnografia*, e não necessito pois de aqui me repetir.

Na historia da Arqueologia portugueza podem distinguir-se quatro periodos maiores:

I. Da idade-média ao sec. xvi;

II. Do sec. xvi a 1720;

III. De 1720 a 1857;

IV. De 1857 em diante.

O periodo I é mais um preambulo vago, do que propriamente um periodo, porque não produziu obras literariò-arqueologicas; e, abstraindo de tesouros de catedrais, formados com intuito religioso, apenas d'ele chegou até nós noticia de uma ou outra antigalha curiosa.

O periodo II inaugura-o André de Rêsende, o patriarca da Arqueologia portuguesa († 1573), que foi, no que tange á erudição, um dos nossos representantes da fase espirital da historia do genero humano conhecida pelo nome de *Renascimento*. A ele se deve a primeira tentativa que se fez de um quadro das antiguidades da Lusitania, para escrever o qual se baseou no exame das fontes grecó-romanas e no conhecimento directo ou indirecto que adquiriu dos locais e dos monumentos. Que pena que esta obra, apesar de alguns senões, ficasse incompleta! Com Rêsende coincide no gôsto dos estudos archeologicos o seu contemporaneo o D.^{or} João de Barros, que num trabalho geografico, que elaborou, coligiu apontamentos archeologicos e epigraficos do Norte de Portugal. A este periodo II pertencem outros autores, do mesmo seculo e do seguinte.

O periodo III começa com a fundação da Academia da Historia Portuguesa em 1720, que tinha entre os seus planos transmitir tambem impulso ás sciencias archeologicas. Dá-se até o caso de em duas conferencias, 1733 e 1734, se falar de monumentos sepulcrais pre-historicos, ou antas. Foi a primeira vez que entre nós o assunto se tratou debaixo do aspecto da Arqueologia propriamente dita. Este periodo III é um tanto copioso de sociedades, institutos, museus e publicações. Posto que os membros da Academia da Historia empregaram pouco o methodo critico, ele vai-se desenvolvendo depois.

Marquei para começo do periodo IV a data de 1857, por ser a da fundação da Comissão dos trabalhos geologicos de Lisboa, que teve por chefe Carlos Ribeiro, e na qual logo de começo se concedeu grande importancia á Pre-historia, apoiando-a na Geologia. As outras sciencias archeologicas progrediram a par, ainda que é claro que nem todo o seu progresso se liga imediatamente com a Comissão Geologica; mas a moderna orientação scientifica foi iniciada por esta, e d'ela dependeu de mais a mais o celebrar-se em 1880 em Lisboa a nona sessão do Congresso.

Não é aqui o lugar proprio para justificar com desenvolvimentos a divisão precedente.

Além de Carlos Ribeiro, Delgado, Martins Sarmiento, e Possidonio, ha pouco mencionados como membros do Congresso de 1880, e que nele tomaram parte, outros archeologos havia já em Portugal, seus contemporaneos, que não falaram no Congresso:

Pereira da Costa, membro da antiga Comissão Geologica, e decano dos investigadores portugueses de Pre-historia e Antropologia do seu tempo;

Filipe Simões, que fizera em 1878 uma síntese de Pre-historia peninsular;
Teixeira de Aragão, principalmente dedicado á Numismatica;
Joaquim de Vasconcelos, principalmente dedicado á Historia da Arte;

para não falar de outros secundarios, ou que até 1880 não haviam ainda publicado senão curtas monografias.

Por influencia da idea do Congresso, e como preparação para ele, fundou-se em Lisboa na Comissão dos Trabalhos Geologicos o Museu de Antropologia, ao mesmo tempo não só antropologico, como o nome o indica, mas tambem archeologico, visto que aí se guardam os espolios resultantes de muitas excavações em grutas pre-historicas, emprendidas pela mesma Comissão. Este Museu foi estímulo constante para subseqüentes investigações, auxiliadas juntamente pela publicação, em 1884, do magnifico *Compte rendu* do Congresso.

Em parte como consequência d'este, em parte pela ligação em que Portugal tem sempre procurado estar com os progressos gerais da sciencia, rapido incremento tomaram entre nós, de 1880 para cá, os estudos pre-historicos, ou melhor direi, os estudos archeologicos, porque nem sempre a Pre-historia se pôde nitidamente distinguir da Archeologia historica. E quem diz Archeologia, diz *ipso facto* Etnologia e Antropologia. Mas é particularmente de Pre-historia que importa falar, e de modo sucinto.

Intensificaram-se as investigações em todo o sentido.

Quasi pôde afirmar-se que se descobriu o paleolitico, pois o que antes se sabia d'ele era quasi nada, ao passo que hoje o conhecemos em várias provincias, mormente no distrito de Viana e nos arredores de Lisboa.

Descobriu-se o asturiense no Minho, ao longo da costa, desde Moledo até S. João da Foz.

Reuniram-se, de todos os cantos de Portugal, inumeros instrumentos de pedra polida, dos tipos vulgarmente conhecidos por *machados*, *enxós*, *escôpros*, etc.: o que permite fazer desde já uma classificação morfologica geral. Ora uma classificação, baseada em grande número de peças, facilita a comparação, e portanto a interpretação do uso de cada peça, e a origem d'elas.

Igualmente se colecionaram muitos instrumentos dos primeiros periodos metalicos, de multiplas fórmulas, desde singelas folhinhas de punhal de cobre até elegantes e não pouco apreciaveis espadas de bronze.

Exploraram-se muitas dezenas de dolmens, algumas cistas, e outros monumentos funerarios: por exemplo, o da Agua Branca, do periodo calcolitico, excelentemente descrito por José Fortes, que á Archeologia dedicou outros meritorios trabalhos. Do que se colheu em todas estas jazidas se tem tirado luz para melhor se compreender a vida privada e a vida social dos nossos antepassados em muitas das suas particularidades, e para o estudo de intrincados problemas etnogenicos e etnologicos.

Vieram a lume pela primeira vez reproduções de pinturas dolmenicas e de imagens de pedra antropomorficas e insculturas; e algo se adiantou na investigação da arte rupestre (petróglifos), e da ourivezaria. Alguns dos petróglifos mais uniformes serão sinais mágicos ou religiosos; em muitos que formam grupos complexos e extensos, por exemplo, em Gião, teremos já escrita pictografica ou ideografica, isto é, textos literarios, seja qual for a natureza d'elles. De tais tipos de escrita deparam-se-nos espécimes em povos selvagens ou de média civilização.

Estacio da Veiga, percorrendo o Algarve, de um extremo ao outro, arquivou em quatro grossos volumes, abundantemente providos de desenhos, os resultados das suas excavações e colheitas, que concernem aos periodos da pedra polida, ao calcolitico, ao do bronze, e ao do ferro.

Vieira Natividade, de Alcobaça, entregou-se com ardor ao estudo da sua região, e concorreu eficazmente para o conhecimento do calcolitico da Estremadura, ali revelado em grutas, das muitas de que abunda a provincia.

Santos Rocha explorou os dolmenes do concelho da Figueira, publicou *Materiais para o conhecimento do cobre em Portugal*, e consagrou circunstanciada monografia ao castro de Santa Olaiã, da 2.^a idade do ferro, monografia rica de novidades scientificas, entre elas a noticia da existencia de ceramica iberica nas margens do Mondego.

Foram pesquisados ou excavados outros castros, e nova e mais metodicamente explorada a necropole de Alcacer do Sal, que já nos havia familiarizado com armas da idade do ferro e com vasos gregos dataveis.

Finalmente fundaram-se museus onde á Pre-historia e á Proto-historia cabe bom quinhão, revistas scientificas, que estão no mesmo caso, e agremiações destinadas a acalentar o gosto e o progresso da Archeologia. E algumas obras gerais ou especiais saíram dos prelos. Por outro lado o Govêrno da Republica, ampliando dispo-

sições legislativas já existentes (cadeiras de Numismática da Biblioteca Nacional, e de Arqueologia e Historia da Arte antiga e medieval da Academia das Belas Artes), e reconhecendo o valor de tentativas feitas pela Associação dos Arqueólogos do Carmo e por seminários diocesanos para se dar maior incremento ao ensino das sciencias arqueologicas, estabeleceu estas nas Universidades, junto das cadeiras de Historia. Criou de mais a mais o ensino da Estetica e da Etnologia.

Os castros, a que aludi, conservam, por assim dizer, os ultimos segredos e ouviram os derradeiros gemidos das tribus da Lusitania independente, pois que eles eram a principal habitação d'estas: e os Romanos os bateram, e pela mór parte lhes deram o golpe final. Da exploração dos castros, prosseguida mais activamente do que até agora, estão reservadas muitas surpresas aos arqueologos que a promoverem.

De estudos de Arqueologia combinados com os de Antropologia veio, ao que parece, a verificar-se a existencia de remotas relações etnicas de Portugal e da Iberia com a Africa. Diversas outras relações antigas, ou tambem etnicas, ou meramente devidas á acção uniformizante da civilização, nos apparecem entre a Peninsula e a Hibernia, a Britania, e o centro da Europa, já em parte entrevistas ou indicadas pela literatura classica.

Nesta resenha procurei apenas evocar nomes de arqueologos hoje falecidos, e que mais que tudo se occuparam de Prè- e Proto-historia; omiti, ainda assim, por brevidade, alguns outros cuja menção deixo para lugar mais adequado.

Vê-se que a herança que os arqueologos de 1880 legaram aos seus continuadores caiu em mãos que cuidaram de a manter, alargar e illustrar. E o trabalho continúa incessante. D'ele nos patenteia brilhantes provas o presente Congresso, organizado com todo o esmêro nas cidades de Coimbra e do Porto, e que ainda, como consta do programa, terá depois um último prolongamento na capital da nação.

O Congresso não é só portuguez, é internacional. Se me referi particularmente a Portugal, foi porque a 15.^a reunião ou junta se está aqui realizando, e coincide a data com o quinquagenario da de 1880,—e não porque das outras nações não houvesse mais e muito mais que dizer. Assim o tempo destinado a um discurso inaugural dêsse ensanchas para se poder falar dos progressos da Arqueologia geral, de 1912 (14.^a reunião) para cá! E assim eu tivesse tambem competencia para o fazer!

*

Até aqui referi-me somente ao Congresso internacional de Antropologia e Arqueologia pre-historica. A presente reunião é comum a ele e á do Instituto Internacional de Antropologia, do qual constitue a 4.^a, tendo sido a ultima em Amsterdão em 1927.

MEUS SENHORES:

Tudo neste momento e neste ambiente respira sciencia: Coimbra com a sua veneranda Universidade, tão célebre em todos os tempos, foco d'onde se difunde annualmente, e ha seculos, para todos os angulos da nossa terra a mais intensa luz espiritual; esta sala em que, vezes sem conta, se têm galardoado com o supremo grau universitario preclaros filhos de Minerva; o ajuntamento de tantos antropologos, medicos, naturalistas, arqueologos, juristas, literatos, em suma, perscrutadores das cousas do espirito, fautores do bem do genero humano, uns nacionais, outros vinços de distantes partes, e em ambas as circuntancias congregados agora por um só pensamento: o progresso dos estudos que cultivam.

Tributem-se encomios áqueles que não só se lembraram de reunir mais uma vez em Portugal o Congresso de Antropologia e Arqueologia, e pela primeira o do Instituto internacional de Antropologia, senão que puseram em execução a lembrança.

O programa dos dois Congressos já vós, Senhores, o conheceis de antemão. Tendes diante de vós materia vasta a que apliqueis o vosso engenho, e em que empregueis o vosso saber.

Oxalá os Congressos correspondam á expectativa: e é de esperar que assim aconteça, para utilidade da sciencia, e para lustre de Portugal.

Tenho dito.

J. L. DE V.

.. dos grandes edificios, ainda depois de arruinados, sempre se vão descobrindo alguns vestigios, que nos informão de sua primitiva grandeza.